



*As Ramificações Sociais e
Académicas da Arqueologia*



www.cph.ipt.pt

N. 2 // julho 2015 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar
Edifício M - Campus da Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313 Tomar
NIPC 503 767 549

DIRETORA

Ana Cruz

SUB-DIRETOR

Davide Delfino

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem
Instituto Politécnico de Tomar

TRADUÇÃO

Fátima Paiva, Gabinete de Tradução
Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO

Centro de Pré-História
Instituto Politécnico de Tomar

SEDE DE REDACÇÃO

Centro de Pré-História
Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN

2183-1386

CONSELHO CIENTÍFICO / COMITÉ DE LEITURA

Professora Doutora Primitiva Bueno Ramirez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Enrique Cerrillo Cuenca, Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC, Governo de
Extremadura

Professor Martin Van Schaik, Former professor at Utrecht University (Netherlands), Visiting

Professor at the Ruhr University of Bochum (Germany), the Aristoteles University of
Thessaloniki (Greece), and the University of Innsbruck (Austria)

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrini, Università degli Studi di Genova

Dr^a. Helena Moura

Doutora Ana Cruz, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Davide Delfino, Museu Ibérico de Arqueologia e Arte

ANOTADA NA ERC

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

Índice

EDITORIAL	07
VEÍCULOS DIDÁCTICOS DA ARQUEOLOGIA	
CIÊNCIA E CIDADANIA: SOCIABILIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E DO PATRIMÓNIO	
Jorge Raposo	10
Science and Citizenship: The Socialization of Archaeology and Heritage	23
EXPERIÊNCIAS DE DIVULGAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: O CASO DO PROJECTO DO OUTEIRO DO CIRCO (BEJA, BAIXO ALENTEJO, PORTUGAL)	
Eduardo Porfírio	30
Making archaeological research available to the public: the case of Outeiro do Circo Project (Beja, Baixo Alentejo, Portugal)	54
UMA REFLEXÃO SOBRE DIVULGAÇÃO DA ARQUEOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM MEIO EMPRESARIAL	
Miguel Serra	67
A Reflection on the Dissemination of Archaeology based on an Experience in the Business Environment	87
A ARQUEOLOGIA URBANA E O PATRIMÓNIO DA CIDADE DE COIMBRA	
Cátia Saque Delicado, Nuno Monteiro, Ana Beatriz Santos e Filipa Santos	97
The Urban Archaeology and the Heritage of the City of Coimbra	115
PADRONIZAÇÃO JURÍDICA DA ARQUEOLOGIA	
O PATRIMÓNIO CULTURAL COMO O QUARTO PILAR DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UMA ABORDAGEM SOBRE OS ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL	
Alessandra Spitz Guedes Alcoforado Lourenço	123
Cultural heritage as the fourth pillar to sustainable development: an approach on the preventive archaeology studies developed under the environmental licensing	133
DIVERSIDADE NA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
O CASO “DO POÇO DOS NEGROS” (LAGOS): DA URGÊNCIA DO BETÃO AO CONHECIMENTO DAS PRÁTICAS ESCLAVAGISTAS NO PORTUGAL MODERNO A PARTIR DE UMA ESCAVAÇÃO DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA	
Maria João Neves, Miguel Almeida e Maria Teresa Ferreira	141

The Case of the “Poço dos Negros” (Lagos): From the Urgency of Concrete to Knowledge of Slavery Practices in Portuguese Modern Age from an Excavation of Archaeological Rescue . 161

O USO INDEVIDO DE DETECTORES DE METAIS EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Ana Rosa 174

The improper use of metal detectors in Cultural Heritage 183

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO HOLANDÊS NA ILHA DE ITAMARACÁ: DO SÉCULO XVI ÀS SUCESSIVAS MURALHAS NO TEMPO – VILA VELHA – PE, BRASIL

Ana Nascimento e Natalli Araújo 189

The construction of the Dutch imagery on Itamaracá Island: from XVI century to the successive barriers in time - Vila Velha - PE, Brasil 207

PRÁTICAS MORTUÁRIAS NA AMAZÔNIA PRÉ-COLONIAL

Diego Barros Fonseca 218

Mortuary Practices in Pre-Colonial Amazônia 239

LO SCAVO DI CUEL DI TOR DI CÀ

Enrico Roncallo 252

The excavation of Cuel di Tor di Cà 266

TRITON SHELL TRUMPETS: THE CULTURAL HERITAGE OF THE VUCCINS THROUGH ARCHAEOLOGY AND MUSIC

Martina Olcese 270

Ciência e Cidadania: Sociabilização da Arqueologia e do Património

Jorge Raposo

Historial do artigo:

Recebido a 09 de maio de 2015

Revisto a 21 de maio de 2015

Aceite a 29 de maio de 2015

RESUMO

Apresentação da experiência associativa do Centro de Arqueologia de Almada como contributo para o debate alargado dos modelos mais adequados à sociabilização da Arqueologia e do Património em geral, no contexto da diversidade de soluções que contribuem para atingir esse objectivo.

Caracterização genérica da associação enquanto agente local de intervenção cívica qualificada para a Cultura e o Ambiente, com breve referência às suas principais valências e projectos, na Arqueologia, no Património, na Educação Patrimonial, na Formação Especializada e no plano editorial, onde merecerá realce a revista *Al-Madan*, nos seus suportes impresso e digital (<http://www.almadan.publ.pt> e <http://issuu.com/almadan>).

Reflexão sobre a relação entre Ciência e Cidadania, tendo em vista a partilha social do saber e dos recursos culturais e o exercício de uma cidadania informada e responsável.

Abordagem dos conceitos de investigação, de comunicação, de retorno social e de responsabilidade social, nos planos técnico-científico e dos mecanismos identitários de pertença e alteridade individuais e de grupo.

Breves considerações sobre a importância do processo comunicativo (emissão / transmissão / recepção) na promoção e divulgação dos temas culturais e ambientais, com enfoque na necessidade de identificar claramente os objectivos, o contexto comunicacional, os destinatários e os meios de comunicação: divulgar porquê? O quê? Para quem? Como? Por quem?

Defesa da inter-relação entre os modelos de intervenção associativa, empresarial e museal, congregando movimentos de cidadãos e entidades públicas e privadas para a afirmação e fruição das temáticas culturais e científicas na sociedade portuguesa.

Palavras-Chave: Arqueologia; Património; Ciência; Cidadania; Comunicação.

1. Enquadramento Histórico e Institucional

No âmbito da intervenção que tem por objecto o Património Cultural português, o Centro de Arqueologia de Almada (CAA) constituiu-se em 1972 como associação privada sem fins lucrativos, adoptando um modelo dinâmico e aberto à participação de todos os cidadãos que partilhem preocupações e interesses, independentemente da sua idade, formação académica ou ocupação profissional (vd. <http://www.caa.org.pt>). A iniciativa partiu de um grupo de jovens estudantes do ensino secundário almadense, dando início a um percurso ininterrupto que já ultrapassou os 42 anos, ao longo do qual se consolidou e diversificou uma actividade que justificou a atribuição do estatuto de Utilidade Pública e o registo como ONGA (Organização Não Governamental de Ambiente).



Figura 1. Logótipo actual da associação.

A associação conta hoje com algumas centenas de associados (461 no final de 2014) e alargou a sua perspectiva de abordagem a um plano holístico, suficientemente abrangente para integrar o Património Cultural na sua relação sistémica com o meio ambiente e as comunidades locais, atendendo às suas evidências materiais mas também às manifestações imateriais e à preservação e recriação das memórias sociais. Uma pequena equipa de dois profissionais é pontualmente reforçada por prestações de serviço ocasionais ou pelo aproveitamento de programas de estágio ou de outras oportunidades de enquadramento de recursos humanos, mas a maioria das actividades continua a ser concretizada em regime de voluntariado, sistematizando e congregando saberes e vontades individuais num esforço colectivo para promover a intervenção cívica qualificada nas áreas da Arqueologia e do Património.

A sustentabilidade económica e financeira deste modelo é viabilizada por uma gestão que, depois de uma fase inicial dependente essencialmente de subsídios institucionais, adoptou desde os primeiros anos da década de 1990 uma prática que, no plano da sociologia das organizações, pode hoje classificar-se de “empreendedorismo social” (para desenvolvimento do conceito ver, por exemplo http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=5&ved=0CDwQFjAE&url=http%3A%2F%2Fweb3.letras.up.pt%2Fempsoc%2Findex.php%2Fprodutos%2Fcategory%2F11-artigos%3Fdownload%3D9%3Aparente-2011-empresendedorismosocial&ei=NGJQVebxCYH_UqDUgegL&usg=AFQjCNGNvjxVI1PegVOw0RdfUWFa3Dp0og), isto é, assente em mecanismos de autofinanciamento destinados a criar e maximizar valor social, utilizando as receitas geradas nalguns sectores de actividade para suportar os que não têm forma de as produzir, numa perspectiva redistributiva de recursos

para satisfação de necessidades sociais, e não de acumulação de riqueza ou partilha de lucros entre os membros da associação.

O caminho percorrido nestas mais de quatro décadas e o posicionamento teórico e metodológico que o enquadra mereceu entretanto várias reflexões, nomeadamente nos balanços justificados pela celebração dos 25 anos de actividade, em 1997 (RAPOSO, 1997a, 1997b; 1998a, 1998b).

2. Áreas de Intervenção Associativa

A acção do CAA nasceu intimamente ligada à identificação, estudo e divulgação do Património arqueológico e paleontológico. Os primeiros anos foram dedicados à prospecção sistemática do território do Município de Almada, com identificação dezenas de sítios até então desconhecidos, desde logo traduzida em sessões de animação e publicações dirigidas a públicos generalistas (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1978), e em apresentações à comunidade científica, como a realizada por ocasião do IV Congresso Nacional de Arqueologia, em Faro (DANTAS, BARROS, GUERRA, 1980).

Essa acção diversificou-se e consolidou-se nas décadas de 1980 e 1990, com alguns trabalhos de campo em sítios mais relevantes (da Proto-História aos períodos Medieval e Moderno), reforçando e acompanhando a instalação do Museu Municipal de Almada e dos seus serviços de Arqueologia (vd. CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1987; SABROSA, RAPOSO, 1993; CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1994).

Contudo, a iniciativa de maior fôlego teve uma abrangência regional, envolvendo sítios arqueológicos dos municípios de Almada, Seixal, Alcochete e Benavente. Numa primeira fase, entre 1985 e 1997, o projecto “Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo” reuniu técnicos da associação, municipais e da entidade de tutela da Arqueologia nacional (então o IPPC) e permitiu o enquadramento de muitas dezenas de voluntários, primeiro na escavação das olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal), do Porto dos Cacos (Alcochete) e da Garrocheira (Benavente), e ainda da unidade de transformação de pescado de Cacilhas (Almada), depois no estudo, documentação, conservação e divulgação do espólio exumado, com particular relevância para as produções anfóricas. De 1999 à actualidade, o CAA coordena um segundo projecto sobre o tema, com o título “OREsT - Olaria Romana do Estuário do Tejo: centros de produção e consumo (Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros)” e, desta feita, em parceria com a UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, o município do Seixal e outras entidades. No conjunto, foram revelados bens patrimoniais de elevado valor cultural e científico, tanto no plano das estruturas preservadas “in situ” como no das cerâmicas e outros bens móveis que ilustram a complexidade e diversidade das relações sociais, culturais e económicas do mundo romano. Os resultados têm vindo a ser consequentemente divulgados junto das comunidades locais, da população escolar e dos meios científicos nacionais e internacionais (vd., por exemplo, vários textos disponibilizados em <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>).



Figura 2. Aspecto dos trabalhos de campo na olaria romana do Porto dos Cacos (Alcochete), realizados entre 1985 e 1990. **Fonte:** Centro de Arqueologia de Almada.

A intervenção associativa não se limita, contudo, à investigação, conservação, patrimonialização e comunicação de natureza arqueológica. O CAA desenvolve também intensa actividade na área do Património cultural imóvel, ao nível dos levantamentos arquitectónicos e inventários georreferenciados de conjuntos urbanos, criando ferramentas técnicas ao serviço das estratégias para a gestão do território e para a aplicação das metodologias mais adequadas ao registo, documentação, conservação e reabilitação de imóveis e conjuntos de interesse histórico.



Figura 3. Levantamento arquitectónico de fachadas de uma das ruas do núcleo urbano antigo de Almada. **Fonte:** Centro de Arqueologia de Almada.

Esta e outras valências propiciam uma intensa prática de educação patrimonial, traduzida em visitas guiadas, sessões audiovisuais, ateliês e projectos pedagógicos diversos, de natureza formativa e lúdica, frequentemente desenvolvidos em parceria com as comunidades educativas locais. A título de exemplo, no ano de 2014 contabilizaram-se 414 participantes em visitas e passeios temáticos para públicos generalistas e 155 acções pedagógicas, que envolveram 3128 alunos e os respectivos professores. Pelos dados já recolhidos, estima-se que os números de 2015 sejam claramente superiores.



Figura 4. Pormenor de visita guiada. Fonte: Centro de Arqueologia de Almada.



Figura 5. Pormenor de acção de Educação Patrimonial com a temática da Pré-História. **Fonte:** Centro de Arqueologia de Almada.



Figura 6. Pormenor de acção de Educação Patrimonial com a temática da romanização. **Fonte:** Centro de Arqueologia de Almada.

Noutro plano, beneficiando de parcerias institucionais e da disponibilidade de alguns dos melhores investigadores nacionais, as ofertas de formação especializada são múltiplas e criam oportunidades para que públicos universitários ou com formação e interesses mais específicos aprofundem os seus conhecimentos sobre Arqueologia, estudos de materiais, Conservação, Museologia, Arquitectura, Fotografia, etc. Em 2014, dando seguimento à planificação de anos

anteriores, especialistas convidados sintetizaram o estado do conhecimento sobre as lucernas romanas e a faiança portuguesa, e estimularam a reflexão sobre os espaços e as paisagens no mundo rural romano e a abordagem teórico-metodológica ao inventário de bens arqueológicos.



Figura 7. Pormenor de acção de formação especializada realizada na sede social da associação. **Fonte:** Centro de Arqueologia de Almada.

Por fim, numa síntese que apenas sumaria as principais áreas de intervenção do CAA, importa referir a transformação dos resultados obtidos em conteúdos e iniciativas expositivas e editoriais destinadas a mediar e partilhar a produção de conhecimento. Exposições, folhetos, brochuras e monografias tratam a História, o Património e as tradições locais, ao mesmo tempo que se assegura aquele que será o projecto associativo de maior visibilidade nacional e internacional: as revistas *Al-Madan* (ISSN 0871-066X) e *Al-Madan Online* (ISSN 2182-7265). Trata-se de uma iniciativa editorial que teve origem na revista impressa, em 1982, e foi depois complementada com uma revista digital, a partir de 2005 (vd. RAPOSO, 2007). Os dois suportes respeitam o mesmo modelo e merecem idêntico cuidado editorial, partilhando objectivos gerais comuns – disponibilizar uma plataforma de divulgação da Arqueologia e do Património arqueológico; estimular o diálogo multidisciplinar com outras áreas científicas; promover a sociabilização do conhecimento e a cultura científica –, mas obedecem a objectivos específicos complementares – a *Al-Madan*, revista impressa de periodicidade anual dirigida a públicos mais generalistas (vd. <http://www.almadan.publ.pt>); a *Al-Madan Online*, revista digital de periodicidade semestral para públicos mais especializados e vocacionada para acelerar a partilha entre a comunidade científica portuguesa e internacional (vd. <http://issuu.com/almadan>).

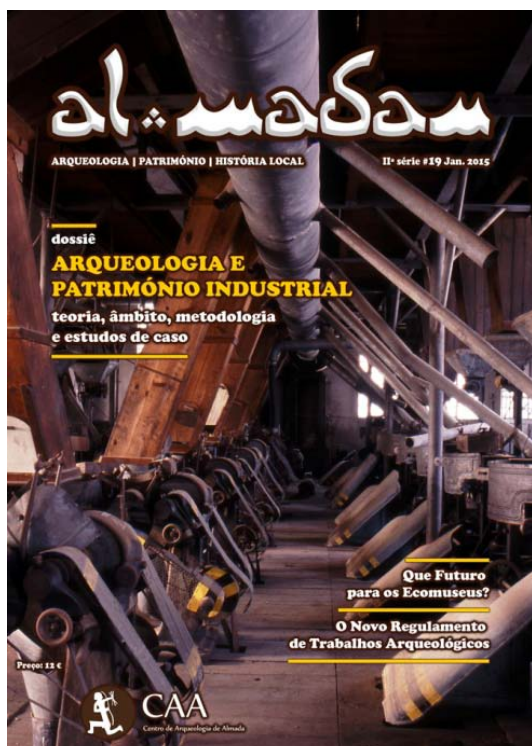


Figura 8. Capas das últimas edições da *Al-Madan* impressa (ISSN 0871-066X), tendo por tema central a Arqueologia e o Património Industrial, e da revista digital *Al-Madan Online* (ISSN 2182-7265). Ambas foram concluídas e iniciaram a sua circulação em Janeiro de 2015. Fonte: Centro de Arqueologia de Almada.

3. Ciência e Cidadania

Em Almada, através do CAA, o interesse juvenil pelo conhecimento do território e dos seus valores culturais criou raízes, fortaleceu-se ao enfrentar as adversidades, floresceu e continua a dar frutos. Na base desse percurso estiveram um posicionamento teórico e uma prática que sempre interligaram a investigação científica e a produção de conhecimento com a partilha social do saber e dos recursos culturais, entendendo a sociabilização da Arqueologia e do Património em geral como condição básica para o exercício de uma cidadania informada e qualificada.

A par das exigências de qualidade e coerência nos projectos e actividades planeadas e desenvolvidas, as preocupações com a divulgação e a comunicação foram constantes, justificando que se sistematizasse a reflexão sobre um conjunto de questões: a) divulgar / comunicar a Arqueologia e o Património porquê? b) Abrangendo o quê? c) Para quem? d) Como? e) Por quem?

a) Porquê?

Nos nossos dias, a resposta à primeira pergunta é frequentemente colocada no plano da relação entre a Cultura e a Economia, reduzindo a Cultura a um conjunto de “produtos” cujo “consumo” pode e deve ser estimulado, de modo a manter e aumentar o número de cidadãos-consumidores, aqui como noutras vertentes da cadeia produtiva, receptores passivos daquilo

que os circuitos de produção e distribuição colocam ao seu alcance. Ora, ainda que a Cultura tenha um peso económico e um valor de mercado cada vez menos despiciendo, ela é muito mais do que um simples bem mercantil. Por isso, a relação a que devemos dar maior atenção é a da Cultura com a Cidadania, já que as manifestações culturais são importantes factores de organização e coesão social, integram os mecanismos que promovem a construção e recriação das identidades individuais e de grupo e constituem indicadores fundamentais para avaliar a qualidade e o bem-estar social. Envolvem imaterialidades impossíveis de quantificar com objectividade, apesar da atenção que lhe têm dedicado as ciências sociais e humanas. Nesta perspectiva, promover a Cultura científica é um exercício de responsabilidade social essencial para uma cidadania plena, informada e bem formada. É ainda um contributo activo para reforçar a visibilidade social e afirmar, pela positiva, as temáticas culturais e científicas. Este conceito de “responsabilidade social” procura ser mais abrangente do que o de “retorno social”, também ele meritório mas passível de entendimento num contexto mais redutor. A noção de “retorno” pode ser interpretada de modo restritivo como a simples obrigação de satisfazer um sentimento de “dívida” contraída para com a comunidade, não aplicável, por isso, quando essa dívida não exista, ou só aplicável na medida correspondente à dimensão da dita — a existir, deve ser saldada como cumprimento de uma obrigação e até que se estabeleça uma reciprocidade de valor; “saldadas as contas” entre “credor” e “devedor”, só se justifica restabelecer a relação se o “balanço” voltar a ser desequilibrado. Contudo, a promoção do Património em geral, e do arqueológico em particular, deve ter subjacente uma preocupação mais generosa e abrangente, que privilegie um sentimento de “responsabilidade social”. Este deverá conformar a acção dos indivíduos e dos grupos que detêm determinado conhecimento de interesse geral, induzindo-os a partilhá-lo (“dar”), independentemente do que tenham “recebido”. Não é um sentimento reactivo, só aplicável quando justificado e na medida em que se justifique, mas sim uma preocupação constante que contribui pro-activamente para qualificar a nossa vida em comunidade, tão importante nas questões patrimoniais como noutros planos da mesma (cívico, ambiental, social, cultural...).

b) O quê?

Caracterizada a divulgação / comunicação em Arqueologia e Património como um imperativo cívico, a fluência e a eficácia desse processo impõem que se precise a natureza e o âmbito destes dois conceitos. Em primeiro lugar, quando falamos de Arqueologia referimo-nos a sítios e bens arqueológicos, isto é, a realidades imóveis e móveis identificadas e caracterizadas através da aplicação de um determinado conjunto de princípios teórico-metodológicos e de técnicas — trata-se de um saber técnico-científico que deve ser sociabilizado. Por contraste, o conceito de Património é muito mais complexo, ambíguo e polissémico (ver RAPOSO, 2000), envolve o conjunto dos indivíduos e das comunidades e não apenas os especialistas e coloca questões que se alargam à identificação, interpretação e preservação dos recursos culturais de determinadas parcelas de território, no âmbito da discussão e operacionalização de diferentes modelos de organização social e económica — trata-se de um campo de interacção social entre a esfera técnico-científica, num plano multidisciplinar, e os mecanismos identitários de pertença e alteridade individuais e de grupo. Esta dupla dimensão obriga, desde logo, a que se definam critérios claros e objectivos para a identificação, classificação e valoração dos bens arqueológicos, criando uma base sólida e compreensível para a comunicação com públicos-alvo diversificados. Mas impõe também abertura e disponibilidade para o diálogo multidisciplinar com outras áreas científicas e, principalmente, para uma intervenção social alargada.

c) Para quem?

Como todos os processos comunicacionais, a divulgação em Arqueologia e Património só terá sucesso quando quem a promove souber integrar-se devidamente em diferentes contextos, tiver a capacidade de definir e atingir objectivos gerais mas também específicos, adequados e direccionados para públicos-alvo de natureza diversa. Para isso, há que ter a capacidade de criar discursos diferenciados coerentes e portadores de sentido ao nível da comunicação científica entre pares ou com especialistas de outras áreas de saber, mas também dos cidadãos em geral, independentemente da sua idade, escolaridade ou actividade profissional. Também aqui podem considerar-se dois planos: o da Educação Patrimonial e o da Ciência Cidadã – o primeiro radica numa preocupação sistemática com a intervenção pedagógica e formativa junto das comunidades educativas, mas também dos agentes locais, da administração pública e da população em geral; o segundo é mais lato e pressupõe o estímulo a mecanismos de intervenção social qualificada na produção e difusão de conhecimento científico, na dupla perspectiva do “cientista-cidadão” e do “cidadão-cientista”. Esta interacção mutuamente vantajosa entre investigadores e cidadãos, permitindo o envolvimento directo destes últimos, tem larga tradição na astronomia, na botânica e na biologia, por exemplo, e pode e deve ter também aplicação nos domínios da Arqueologia e do Património. Um dos desenvolvimentos recentes do movimento internacional que promove a *Citizen Science* materializou-se no *Socientize – Citizen Science Projects* (<http://www.socientize.eu>), que visou “coordenar todos os agentes envolvidos no processo de ciência cidadã, estabelecendo um novo paradigma de ciência aberta”. Entre 2012 e 2014, envolveu várias instituições europeias, incluindo a Universidade de Coimbra, representada pelo respectivo Museu da Ciência. Como resultado, merece destaque a elaboração do *Socientize White Paper* (“Livro Branco da Ciência Cidadã”), que pode ser descarregado em <http://www.socientize.eu/?q=pt-pt/content/white-book-citizen-science>. Este documento “pretende apoiar os decisores políticos Europeus, nacionais e regionais a definir estratégias para o envolvimento cívico em Ciência de Excelência”. Foi apresentado publicamente em Bruxelas, em Setembro de 2014, no âmbito da conferência internacional *Citizen Science in Europe*. No contexto deste projecto, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra organizou em Março de 2014 a mesa-redonda *Ciência Cidadã: um elo entre a Ciência e a Sociedade* (vd. <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=&action=&id=462>), e preparou uma exposição itinerante sobre o tema, com o título *Ciência Cidadã: por uma Sociedade de cidadãos informados e Ciência de excelência*. O *Socientize* terá continuidade, entre outras acções, através da *Citizen Science Association* (<http://citizenscienceassociation.org>), criada nos EUA a partir da conferência *Public Participation in Scientific Research*, realizada em 2012. A primeira conferência formal da Associação (*Citizen Science 2015*) reuniu em San Jose, na Califórnia, já em Fevereiro de 2015, mais de 600 pessoas oriundas de 25 países (vd. <http://citizenscienceassociation.org/conference>).

d) Como?

A divulgação em Arqueologia e Património depende de um conjunto de factores não controlados exclusivamente por quem divulga mas condicionadores das três fases que caracterizam esse processo comunicacional: a emissão, a transmissão e a recepção. Assim, à partida, há que garantir a qualidade e a adequação dos conteúdos a divulgar; depois, é preciso encontrar forma de os transmitir e assegurar uma mediação que os respeite e valorize; por fim, devem criar-se as melhores condições de difusão até aos públicos-alvo pré-definidos e de recepção por parte destes. Tendo presentes estas considerações, exige-se saber, capacidade e maleabilidade para aproveitar oportunidades de natureza muito diversificada, num esforço

sistemático de conquista de novos espaços de comunicação para as temáticas patrimoniais e de Arqueologia. Nesse plano, revelar-se-ão cada vez mais decisivas as competências e a criatividade necessárias para aproveitar os meios de comunicação “tradicionais” (revistas e outras publicações científicas, televisão, rádio e imprensa locais e nacionais...), mas também para uma correcta adaptação às novas Tecnologias de Comunicação e Informação, nomeadamente aquelas que exploram as virtualidades da Internet, das redes sociais e das plataformas digitais, em geral.

e) Por quem?

Garantir a melhor qualidade da comunicação implica ter presentes as considerações anteriores, mas também que nem sempre o melhor investigador é o comunicador mais adequado, e que frequentemente convém seleccionar diferentes comunicadores para diferentes públicos. Para além disso, essa selecção deve ainda atender ao meio de comunicação a utilizar e ao respectivo modo de expressão (escrita, oral, de imagem...), escolhendo para cada caso a pessoa mais indicada. Por último, qualquer comunicador de Ciência e Património deve preparar-se e ter a agilidade necessária para se adaptar a contextos e condições de mediação difíceis, particularmente na Comunicação Social generalista, onde, infelizmente com mais frequência do que seria desejável, se reflectem algumas das insuficiências de formação e Cultura científica dos seus profissionais.

4. Notas Finais

Em síntese, como a entendemos, a sociabilização da Arqueologia, do Património, da História local e da Cultura científica em geral é um exercício de cidadania responsável que tem por preocupação base a partilha social do saber e dos recursos culturais, e por objectivos primordiais afirmar e valorar socialmente as temáticas de natureza arqueológica e patrimonial e os seus agentes individuais e institucionais.

Para tal há que conciliar um sólido e actualizado conhecimento científico com uma atitude ideológica socialmente empenhada que, no caso do Centro de Arqueologia de Almada, explora as virtualidades do modelo associativo para sistematizar, potenciar e qualificar a capacidade de intervenção individual e de grupo.

Fá-lo também numa atitude permanentemente aberta ao estímulo e à rentabilização de sinergias com outros modelos e práticas de intervenção social e cultural, desenvolvam-se estes no plano associativo, empresarial, museológico, da administração pública local ou central, etc. Ao nível protocolar ou da colaboração pontual mas regular, o CAA mantém estreitas relações com autarquias, museus locais e nacionais, escolas, universidades e politécnicos, centros e laboratórios de investigação, empresas de turismo e animação cultural, grupos de teatro, etc.

Como consequência deste posicionamento institucional e de uma actividade consistente ao longo de mais quatro décadas, os resultados da integração social da prática associativa, para além da adesão às suas iniciativas e do impacto que estas provocam, revelam-se das formas mais inesperadas. Só para dar alguns dos exemplos mais recentes, não por acaso um grupo de cidadãos almadenses decidiu organizar a marcha “Al-Madan: amar Almada pelas mãos do seu Passado”, com a qual concorreu e ganhou o Concurso de Marchas Populares de Almada 2014; tal como também não por acaso um empreendedor local iniciou, com grande sucesso, a produção e comercialização dos pastéis Al-Madan sob o lema “Da História de Almada, a parte mais doce”; ou uma das principais cadeias de apart-hotéis nacionais nomeou Al-Madan o

restaurante que dedicou aos “sabores regionais da gastronomia portuguesa e mediterrânica” na unidade que abriu em Almada.

Enfim, é um Presente difícil, que exige grande resiliência, mas tem subjacente um Passado cujo sucesso justifica manter a coerência, a abertura e a adaptabilidade que permitirão enfrentar o Futuro imediato e, desejavelmente, o que se lhe seguir.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CENTRO de Arqueologia de Almada – **15 Anos de Arqueologia**. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, 1987. Catálogo de exposição (Museu Municipal de Almada / Convento dos Capuchos, Nov. 87-Jan. 88).

CENTRO de Arqueologia de Almada – **Centro de Arqueologia de Almada: 5 anos de actividade**. Almada: Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Almada, 1978.

CENTRO de Arqueologia de Almada– Arqueologia no Concelho de Almada. **Al-Madan**. Almada: CAA. IIª Série. N.º 3, 1994, p. 121-123.

DANTAS, Pedro; BARROS, Luís e GUERRA, Amílcar – **Centro de Arqueologia de Almada: sete anos de pesquisa arqueológica no concelho de Almada (síntese complementar sobre a Paleontologia da região)** [documento policopiado]. Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, 1980 - actas não publicadas), 1980.

RAPOSO, Jorge – Centro de Arqueologia de Almada: que espaço para a intervenção associativa na área do Património? **Al-Madan**. Almada: CAA. IIª Série. N.º 6, 1997a, p. 112-113.

RAPOSO, Jorge– Vinte e Cinco Anos de Arqueologia em Almada. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. Porto: ADECAP. Vol. 37. N.º 1-2, 1997b , p. 262-266.

RAPOSO, Jorge – Centro de Arqueologia de Almada: uma experiência de associativismo. **Encontros Cem Anos de Arqueologia “O Archeólogo Português” - Actas**. Vila do Conde: Associação de Protecção ao Património Arqueológico de Vila do Conde, 1998a , p. 135-140.

RAPOSO, Jorge – Centro de Arqueologia de Almada: uma experiência de associativismo em Almada. In **Actas das 2ªs Jornadas de Estudos sobre o Concelho de Almada**. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1998b, p. 107-110.

RAPOSO, Jorge – Al-Madan: 25 anos de Arqueologia em revista. **Al-Madan**. Almada: CAA. IIª Série. N.º 15, 2007, p. 84-90.

SABROSA, Armando e RAPOSO, Jorge – Arqueologia em Almada: a acção do Centro de Arqueologia. **Actas das Jornadas de Estudos sobre o Concelho de Almada**. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1993, p. 33-37.

DOCUMENTO ELETRÓNICO

RAPOSO, Jorge – Património e Intervenção Cívica. **Arqueologia Peninsular. História, Teoria e Prática**. [Em linha] Porto: ADECAP, 2000, p. 57-60 (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. 1). Disponível na <URL: <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>>.

Science and Citizenship: The Socialization of Archaeology and Heritage

Jorge Raposo

ABSTRACT

Presentation of the associative experience of Almada Centre of Archaeology as a contribution to the wider debate of the most suitable models for socialization of Archaeology and Heritage in general, in the context of the diversity of solutions that contribute towards this goal.

General characterization of the association as local agent of qualified civic intervention for Culture and the Environment, with brief reference to its main valences and projects in Archeology, Heritage, Heritage Education, Specialized Training and Editorial plan, where deserve highlight the *Al-Madan* magazine in its printed and digital format (<http://www.almadan.publ.pt> and <http://issuu.com/almadan>).

Reflection on the relationship between science and Citizenship, in order to share knowledge and cultural resources and to promote the exercise of an informed and responsible citizenship.

Approach to the concepts of research, communication, social return and social responsibility in the technical and scientific plans and related with the identity mechanisms of belonging and otherness, whether individual or group.

Brief observations on the importance of the communication process (emission / transmission / reception) in the promotion and dissemination of cultural and environmental issues, focusing on the need to clearly identify the objectives, the communication context, the recipients and the media: publicize why? What? For whom? How? By whom?

Defense of the interrelationship between models of associative intervention, corporate and museal, bringing together movements of citizens and public and private entities for the affirmation and fruition of cultural and scientific themes in the Portuguese society.

Key-words: Archaeology; Heritage; Science; Citizenship; Communication.

1. Historical and institutional framework

The Centro de Arqueologia de Almada (CAA) was established in 1972 as a private non-profit association within the Portuguese cultural heritage initiative, adopting a dynamic and open model to the participation of all citizens to share concerns and interests, regardless of their age, educational background or occupation (see <http://www.caa.org.pt>). The initiative came from a group of young highschool students from Almada more than 42 years ago, a long way

of uninterrupted operation in which activity consolidated and diversified being granted the public interest status and registration as not-for-profit organisation for environment (ONGA).

Figure 1. Current logo of the Association.

The economic and financial sustainability of this model was possible throughout a management that after an initial phase, mainly dependent from institutional grants, adopted since the early 1990s a practice that the sociology of the plan organizations can be classified today as "social entrepreneurship" (for the development of the concept see http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=5&ved=0CDwQFjAE&url=http%3A%2F%2Fweb3.letras.up.pt%2Fempresoc%2Findex.php%2Fprodutos%2Fcategory%2F11-artigos%3Fdownload%3D9%3Aparente-2011-emprededorismosocial&ei=NGJQVebxCYH_UqDUgegL&usg=AFQjCNGNvjxVI1PegVOW0RdfUWfa3Dp0og), based on self-financing mechanisms in order to create and maximize social value, using revenues generated in some industries to support those who have no way to produce them in an redistributive perspective of resources directed to meeting social needs, rather than accumulation of wealth or profit sharing between the members of the association.

Today the Association has a few hundred members (461 in late 2014) and extended its scope to a holistic plan, comprehensive enough to integrate Cultural Heritage on its systemic relation with the environment and local communities, catering for their material and intangible manifestations and also preserving and recreating social memories. A small team of two professionals is reinforced by occasional service provision or by taking advantage of internship programs or other opportunities of human resources provision, but most work continues to be performed on a voluntary basis, organising and bringing together individual know-how and good will and joining efforts to promote qualified civic intervention in archaeology and heritage related areas.

The path undertaken over the last four decades and its underlying theoretical-methodological positioning has in the meantime been the subject of intense scrutiny, notably the activity evaluation report drafted for the 25th anniversary of the Association in 1997 (RAPOSO, 1997a/b e 1998a/b).

2. Fields of Associative Action

The CAA emerged with the purpose of identifying, studying and disseminating archaeological and paleontological heritage. The first years were dedicated to the systematic exploration of the territory of the municipality of Almada, identifying dozens of previously unknown sites, immediately translated into animation sessions and publications for the general public (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1978) and presentations to the scientific community such as the one held during the Fourth National Archaeological Congress in Faro (DANTAS, BARROS, GUERRA, 1980).

This action has diversified and consolidated in the 1980s and 1990s, with some field work on most relevant sites (from the Proto-history to the Mediaeval and Modern periods), strengthening and monitoring the installation of the Museu Municipal de Almada and its archaeological services (cf. CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1987, SABROSA, RAPOSO 1993; CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA, 1994).

However, activities did not go beyond the regional sphere, with archaeological sites in the municipalities of Almada, Seixal, Alcochete and Benavente. On a first phase, between 1985 and 1997, the project "Ocupação Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo" (Roman

Occupation on the Left Bank of the Tagus Estuary) gathered technicians from the Association and municipal staff as well as staff from the competent government authority (then the IPPC) and allowed the deployment of dozens of volunteers, first to the excavation of the pottery of Quinta do Rouxinol (Seixal), Porto dos Cacos (Alcochete) and Garrocheira (Benavente) and also the fish processing unit of Cacilhas (Almada), then to the study, documentation, conservation and dissemination of the recovered objects, with particular relevance to amphora materials. From 1999 to the present, the CAA has coordinated a second project on the topic entitled "OREsT - Roman Pottery of the Tagus Estuary: production and consumption centres (Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol and Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros)", this time in partnership with UNIARQ - archaeology centre at the University of Lisbon, the municipality of Seixal and other entities. In addition, archaeological assets of high cultural and scientific value have been found, both in terms of structures preserved in situ and of ceramics and other moveable property which illustrate the complexity and diversity of social, cultural and economic relationships in the Roman world. Results have been disseminated to local communities, the school population and the national and international scientific community (see, for example, a number of texts available in <https://independent.academia.edu/JorgeRaposo>).

Figure 2. Aspect of field work in Roman pottery shards of Porto dos Cacos (Alcochete) conducted between 1985 and 1990. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

The associative intervention is not, however, limited to research, conservation, patrimonialization and communication. The CAA also develops intense activity in the field of immoveable cultural heritage, namely architectural surveys and geo-referenced inventories of urban complexes, creating technical tools to be applied in land management and in methodologies for registration, documentation, conservation and rehabilitation of built structures and sites of historical interest.

Figure 3. Architectural survey of facades located in one of the streets in the old urban centre of Almada. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

This and other facilities provide intense practical training in this area, translated into guided tours, audio-visual sessions, workshops and various educational projects, both pedagogical and recreational, often developed in partnership with local education communities. For example, in 2014 about 414 people participated in thematic visits and tours for the general public and 155 educational activities have been carried out involving 3128 students and their teachers. The data already collected indicate that 2015 figures are far higher.

Figure 4. Detail of guided tour. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

Figure 5. Detail of training session about heritage education on the topic of prehistory. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

Figure 6. Detail of training session about heritage education on the topic of romanisation. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

On another level, benefiting from institutional partnerships and the availability of some of the best national researchers, specialised training offers are varied and provide university audiences with in-depth knowledge of archaeology, archaeological materials, conservation, museum studies, architecture, photography, etc. In 2014, further to planning of previous years, guest specialists have summarised the state-of-the-art of Roman oil lamps and Portuguese porcelain, fostered reflection on spaces and landscapes in the Roman rural world and the theoretical-methodological approach to inventorying archaeological property.

Figure 7. Detail of expert training session held at the Association's headquarters. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

Finally, in a synthesis that only summarises the main areas of intervention of the CAA, worth mentioning are the conversion of results into expository and editorial content and initiatives aimed at mediating and sharing produced knowledge. Exhibitions, leaflets, brochures and monographs dealing with history, heritage and local traditions, ensuring the associative project of greater national and international visibility: *Al-Madan* (ISSN 0871-066X) and *Al-Madan Online* (ISSN 2182-7265) publications. This is an editorial initiative originated in the 1982 print journal and was supplemented with a digital journal from 2005 onwards (see RAPOSO, 2007). Both supports follow the same model and are given similar editorial care, sharing common general goals: to use a platform for dissemination of archaeology and archaeological heritage, to foster multidisciplinary dialogue with other scientific areas and to promote the socialization of knowledge and culture. But they have complementary specific goals: *Al-Madan*, annual print journal directed at the general public (see <http://www.almadan.publ.pt>); *Online Al-Madan*, semi-annual digital journal targeted to more specialised audiences and intended to accelerate exchanges between the Portuguese and the international scientific community (see <http://issuu.com/almadan>).

Figure 8. Covers of the latest editions of the print version of *Al-Madan* (ISSN 0871-066X) with Archaeology and Industrial Heritage as core theme and *Al-Madan* online version (ISSN 2182-7265). Publication and distribution initiated in January 2015. **Source:** Centro de Arqueologia de Almada.

3. Science and Citizenship

In Almada, through the CAA, the interest of young people for knowing more about local territory and its cultural values has taken roots, has grown through adversity, flourished and continues to bear fruit. This process had its roots in a theoretical and practical positioning which had always articulated scientific research with social sharing of knowledge and cultural resources, while viewing the socialization of archaeology and heritage in general as a basic condition for informed and qualified citizenship.

In addition to the requirements of quality and coherence in the planned and developed projects and activities, concerns about dissemination and communication were constant, which led to the systematisation of the debate on a set of issues: a) Why disseminate/communicate archaeology and heritage b) What to cover? c) For whom? d) How? e) By whom?

a) Why?

These days, the answer to this question is often posed in terms of the relationship between culture and economy, reducing culture to a set of "products" whose "consumption" can and must be fostered in order to maintain and increase the number of citizens-consumers (here as in other aspects of the production chain, they are passive receptors of what the circuits of production and distribution put at their disposal). Now, although culture has an increasingly important economic weight and market value, it is much more than a mere trading product. Therefore, the relationship which we should emphasize more is that of culture-citizenship, because cultural manifestations are important factors of social cohesion and organisation, incorporate the mechanisms that promote the construction and rebuilding of individual and group identities and are key indicators to assess social development and well-being. In addition, this involves immaterialities that are impossible to quantify objectively, despite the attention devoted to this issue by social and human sciences. From this perspective, promoting scientific culture is an exercise of social responsibility essential to full, informed and well-structured citizenship. It is also an active contribution to strengthening social visibility and

recognition of cultural and scientific issues. This concept of "social responsibility" is meant to be more comprehensive than "social return"; this latter being also meritable but liable of being understood within a narrower context. The notion of "return" can be interpreted restrictively as the simple obligation to fulfill a sense of "debt" contracted with the community, which is therefore not applicable where no debt exists, or only applicable to the corresponding amount due - if it exists, it should be paid as fulfillment of an obligation until a value reciprocity is established; once the accounts between "creditor" and "debtor" are settled, the reestablishment of the relationship will only be justified if that "balance" is disturbed. However, the promotion of heritage in general and archaeological heritage in particular must be based on a more comprehensive and generous concern that favours a sense of "social responsibility". This should determine the action of individuals and groups who have a specific knowledge of general interest, encouraging them to share it ("give"), no matter what they have "received". This is not a reactive feeling only applicable where justified and insofar as it is justified, but rather a constant concern that contributes to improve our life in community - crucial to property related issues in all its dimensions (civic, environmental, social, cultural...).

b) What?

Considering communication/dissemination of Archaeology and Heritage as a civic duty, the streamlining and effectiveness of the process require a clear definition of the nature and scope of these concepts. First, when we speak of Archaeology we refer to sites and archaeological assets, i.e. tangible and intangible realities identified and characterised by applying a number of theoretical/methodological principles and techniques - technical and scientific know-how which must be socialized. By contrast, the concept of Heritage is much more complex, ambiguous and polysemic (see RAPOSO, 2000). It involves groups of individuals and communities, not just experts, and poses questions that go beyond the identification, interpretation and preservation of the cultural resources of certain portions of land within the discussion and implementation of different models of social and economic organisation - it falls within the scope of the social interaction between the technical/scientific spheres, at a pluridisciplinary level, and the individual and group identity mechanisms of belonging and otherness. This dual dimension first requires that clear and objective criteria are defined for the identification, classification and preservation of archaeological assets, creating a firm and clear basis for communication to a wide range of target audiences. But it also requires openness and readiness for multidisciplinary dialogue with other scientific areas, especially for an extended social intervention.

c) For whom?

Like all communication processes, dissemination in Archaeology and Heritage will only succeed if those who promote it can manage to adapt to several contexts, have the capacity to set and achieve both general and specific goals directed at varied target audiences. For this, we must have the ability to create unique, consistent and meaning-bearing discourses at the level of peer-to-peer communication or with experts in other specialties, but also with common citizens, regardless of their age, educational level or occupation. Here too two levels can be considered: Heritage Education and Citizen Science. The first is rooted in a systematic concern with education and training by educational communities and also by local players, the government and the population at large; the second is broader and involves stimulating quality social intervention mechanisms for disseminating scientific knowledge from the dual perspective of "scientist-citizen" and "citizen-scientist". This mutually beneficial interaction

between researchers and citizens enabling the direct involvement of the latter has a long-lasting tradition in astronomy, botany and biology, for example, and can and must also be applied in the fields of Archaeology and Heritage. A recent development of the international movement that promotes *Citizen Science* translated into *Socientize - Citizen Science Projects* (<http://www.socientize.eu>) aimed at "coordinating all players involved in the citizen science process, setting a new open science paradigm". Between 2012 and 2014, it involved several European institutions, including the University of Coimbra, represented by its Science Museum. The result was the publication of the *Socientize White Paper*, white paper on citizen science, that can be downloaded at <http://www.socientize.eu/?q=pt-pt/content/white-book-citizen-science>. This document "aims to help European, national and regional authorities define strategies for civic engagement in science of excellence". It was presented to the public in Brussels in September 2014 in the international conference *Citizen Science in Europe*. In the context of this project, the Science Museum of the University of Coimbra organised, in March 2014, the round-table *Ciência Cidadã: um elo entre a Ciência e a Sociedade* (*Citizen science: a link between Science and Society*) (see <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=&action=&id=462>) and prepared a travelling exhibition on the subject entitled *Ciência Cidadã: por uma Sociedade de cidadãos informados e Ciência de excelência* (*Citizen Science: towards a society of informed citizens and science of excellence*). *Socientize* will continue, among other actions, through the Citizen Science Association (<http://citizenscienceassociation.org>), created in the USA as a result of the conference *Public Participation in Scientific Research* held in 2012. The first formal conference of the Association (*Citizen Science 2015*) took place in San Jose, California, in February 2015, and gathered more than 600 people from 25 countries (see <http://citizenscienceassociation.org/conference>).

d) How?

Dissemination in Archaeology and Heritage depends on a number of factors not exclusively controlled by the disseminators which influence the three stages of the communication process: emission, transmission and reception. Thus, at the outset, it is necessary to ensure the quality and suitability of the content to disclose; then, you have to find a way of disseminating it using a communication medium which respects and values it; finally, you have to create the best conditions of dissemination and reception by the predefined target audiences. Bearing this in mind, know-how, capacity and flexibility are required to seize the opportunities in a systematic effort to conquer new spaces of communication for archaeology and heritage related issues. At that level, skills and creativity will be increasingly needed to take advantage of "traditional" communication media (journals and other scientific publications, TV, radio, and local and national press...) and also adapt to new information and communication technologies, i.e. the internet, social networks and digital platforms.

e) By whom?

Ensuring quality communication involves, not only taking the above considerations into account, but also assuming that not always the best researcher is the best communicator and therefore different communicators for different target publics should be selected. Furthermore, that selection should also take into account the communication medium to be used and its mode of expression (writing, speech, image...), choosing the right person for each case. Lastly, any communicator of science and heritage must be prepared and have the necessary flexibility to adapt to difficult mediation contexts, specially in the generalist media in

which, more often than is desirable, training and scientific culture gaps can be observed among press professionals.

4. Last Words

In summary, as we understand it, the socialization of archaeology, heritage, local history and scientific culture in general is an exercise of responsible citizenship whose main concern is the social diffusion of knowledge and cultural resources and is mainly intended to socially affirm and value archaeological and heritage issues and its individual and institutional players.

To this end, it is necessary to reconcile a solid and up-to-date scientific knowledge with a socially responsible attitude and the CAA explores the virtual potential of the associative model to systematise, enhance and qualify individual and group intervention.

And this is done with an attitude of permanent openness and responsiveness to share and maximise synergies with other models and practices for social and cultural intervention, either at associative, corporate, museological, public or central administration level. In what regards partnerships or occasional cooperation, the CAA maintains close relations with local and national authorities, museums, schools, universities and polytechnics, research laboratories and centres, tour and cultural animation companies, theatre groups, etc.

As a result of this institutional positioning and a consistent activity for over four decades, the results of the social integration of associative practice, in addition to adherence to its initiatives and the impact caused by them, reveal themselves in the most unexpected ways. Just to give some of the more recent examples, it was not by chance that a group of citizens decided to organise the march “Al-Madan: amar Almada pelas mãos do seu Passado” (Al-Madan: love Almada through the hands of its past), with which they entered into and won the Almada's Popular March Competition 2014; and also not by chance, a local entrepreneur started producing and marketing the *pastéis de Al-Madan* under the motto “Da História de Almada, a parte mais doce” (The sweetest part of the History of Almada); or one of the major national apart-hotel chains designated its new restaurant dedicated to the “regional flavours of Portuguese and Mediaterranean gastronomy” in the unit that opened in Almada with the same name: Al-Madan.

In sum, the Present time is difficult and requires great resilience but the successful underlying Past justifies the consistency, openness and adaptability that will help face the immediate Future and hopefully what will follow.

English Language Version: Fátima Paiva (fatimapaiva@ipt.pt)